

OS DOCUMENTOS VISUAIS GRÁFICOS E A SUA RECUPERAÇÃO POR ASSUNTO

por

Maria Inês Lopes e Maria da Graça Garcia

Biblioteca Nacional

Resumo: São identificadas as questões relativas à análise de documentos visuais gráficos para efeitos da determinação do conteúdo temático pertinente para a recuperação dos mesmos.

Apresenta-se, seguidamente, a metodologia de análise e a política de indexação estabelecida, no âmbito do SIPORbase, para este tipo de material.

1. Introdução

Exceptuando as obras de arte contemporâneas de expressão não realista, os documentos visuais gráficos são expressa ou potencialmente recursos documentais de grande importância quer como fontes de investigação no domínio das ciências sociais, nomeadamente na História de Arte, quer como material de apoio em diversos âmbitos de actividade.

Assim, para além da recuperação por autor e título, a recuperação por assunto assume importância fundamental e a sua inexistência chega mesmo a tornar o documento praticamente inútil para o leitor.

Tomando como amostragem possível os utilizadores da Área

de Iconografia da BN, e tendo em consideração os seus fundos (estampas, tanto gravuras originais como reproduções fotomecânicas, cartazes, postais ilustrados, registos de santos e desenhos), podemos apontar que, do ponto de vista da pesquisa por assunto, os utilizadores são sobretudo estudantes universitários, investigadores (funcionários de museus, professores dos vários ramos e níveis de ensino, jornalistas, estudiosos), profissionais de cinema, de teatro, designers gráficos.

Os visuais gráficos são primeiramente procurados como fonte documental pelo assunto global que veiculam, em menor percentagem enquanto fonte iconográfica para elementos visuais descontextualizados e muito raramente como documentos primários para o estudo da gravura, do postal ou do desenho, enquanto tal. Apenas o cartaz é também objecto de estudo no âmbito da história da publicidade gráfica.

O conteúdo dos documentos visuais gráficos, do ponto de vista do assunto e/ou dos elementos iconográficos que o constituem, é utilizado segundo três esquemas fundamentais, que exemplificamos:

— o leitor documenta-se sobre elementos que desinsere do contexto:

Por ex.: — Tem documentos em que se vejam barretes de saloias?

(Estudo para a reconstituição do traje regional em Loures)

- o leitor procura comprovação documental visual para orientar determinada investigação em curso:

Por ex.: - Tem "chalets" dos princípios do século?

(Estudo sobre a arquitectura das residências dos chamados "brasileiros", em Portugal, nos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX)

- o leitor procura apenas a transposição visual de um tema já estudado, como meio didáctico ou simples ilustração:

Por ex.: - Tem documentos sobre os Jesuítas?

(Para um programa de televisão)

ou

Por ex.: - Tem retratos de Junot, Soult e Massena?

(Para ilustrar um estudo sobre a Guerra Peninsular)

A pergunta — conforme os conhecimentos que o utilizador possua ou conforme as próprias necessidades da sua investigação — pode ainda ser colocada de forma específica ou de forma genérica:

- o que tem sobre os descobrimentos portugueses?

ou

- o que tem sobre a chegada de Vasco da Gama à Índia?

E para grande número de assuntos — aqueles em que os factores tempo ou local/nacionalidade provocam contextos significantes — estas duas facetas surgem acompanhando o enunciado da pesquisa.

Tratando-se de um tipo de material que só recentemente começou a ser considerado de importância documental, o que

aliás se comprova pelo facto de não existirem, ainda hoje, muitas instituições especificamente vocacionadas para a sua sistemática recolha, preservação e disponibilização ao público, é natural que a sua procura não corresponda ainda às suas potencialidades.

Aliás, o próprio facto de, tradicionalmente, as bibliotecas que possuem fundos dessa natureza manterem catálogos separados, relativamente às restantes colecções, tem retardado a sua divulgação.

Neste âmbito é do maior interesse quer o aperfeiçoamento da indexação dos visuais gráficos quer a sua inserção em catálogos que referenciem todo o tipo de material existente nos fundos da mesma instituição.

2. Uma área biblioteconómica em desenvolvimento

A especificação e normalização no tratamento técnico deste tipo de materiais — representações visuais a duas dimensões, geralmente sobre papel e acessíveis a olho nu, como sejam gravuras, reproduções, fotografias, postais ilustrados, cartazes, etc. — tem, naturalmente, uma história mais recente que a do tratamento de documentos textuais. Embora precedida de alguns trabalhos anteriores no mesmo âmbito, publicados por associações profissionais (Reino Unido, Canadá e EUA), a ISBD (NBM) surge apenas em 1977, normalizando internacionalmente a descrição catalográfica de material não-livro, sendo que em 1978 as AACR2 já contemplam com um capítulo a catalogação de

documentos icónicos, isto é, englobando visuais gráficos e visuais para projecção fixa.

Comparativamente, no que respeita à recuperação por assunto destes documentos, o desenvolvimento de orientações teóricas específicas e as práticas de trabalho conhecidas estão ainda hoje longe de revelar os consensos necessários, quer porque se trata de uma área — a indexação — a carecer de maior normalização e mecanismos para compatibilização e transferência de informação, quer porque sobre as questões relativas a colecções especiais se debruça, normalmente, um número mais reduzido de profissionais.

Alguns instrumentos especialmente concebidos para a descrição de conteúdo/recuperação por assunto dos visuais gráficos existem, como é o caso do ICONCLASS, sistema de classificação desenvolvido em 1968 na Universidade de Leiden (Holanda), do "Thesaurus iconographique: système descriptif des représentations", publicado em 1984 pelo Ministério Francês da Cultura ou de "Library of Congress Thesaurus for Graphic Materials: Topical Terms for Subject Access", da responsabilidade da Prints and Photographs Division, da Biblioteca do Congresso, e publicado em 1987.

Um dos aspectos que a análise destes instrumentos revela é o da insuficiência de critérios e metodologias para a fase de análise dos documentos, comparativamente ao trabalho de estabelecimento da linguagem de representação (codificada ou não) do conteúdo dos mesmos num catálogo de assuntos. De facto as orientações de análise são parcas, especialmente nos dois pri-

meiros casos referidos, sendo também verdade que nos mesmos não é clara a distinção entre a descrição da representação visual e a identificação do assunto.

Sobre esta matéria alguma literatura profissional e algumas experiências têm vindo a lume ultimamente, contribuindo para o aprofundamento e clarificação das questões de análise, que reputamos de fundamentais no processo de indexação de documentos visuais gráficos, dadas as suas características.

Destes contributos, da reflexão própria desenvolvida sobre os mesmos e da experiência da Área de Iconografia da BN, surgiram as directrizes sobre política de indexação para documentos visuais gráficos que se inserem no SIPORbase, como instruções adicionais à sua estrutura de base.

3. Análise: o cerne da questão

A análise é, sem dúvida, a fase fundamental da qual depende a pertinência da recuperação posterior dos documentos indexados. A uma análise incorrecta, por falta de metodologia adequada e consistente, ou ferida de subjectividade — resultante de percepções distorcidas ou condicionadas pelo quadro de conhecimentos e motivações pessoais do analista — sucede inevitavelmente uma deficiente representação do conteúdo informativo a referenciar, por muito eficiente (específica e controlada) e bem aplicada (segundo regras definidas) que seja a linguagem documental utilizada.

Sendo verdade que, até recentemente, a atenção principal

tem residido nas tarefas de controlo e estruturação semântica dos instrumentos de representação normalizada da informação — a construção e gestão de linguagens documentais — é também cada vez mais sentida a necessidade de estabelecimento, para cada sistema documental, de instrumentos orientadores das tarefas de análise. Eles deverão consubstanciar, por um lado, os critérios que melhor sirvam os objectivos previamente definidos para o catálogo e, por outro, a metodologia de execução que garanta a eficácia dos resultados do sistema na recuperação.

Esta constatação, verdadeira para sistemas documentais de qualquer natureza e para qualquer tipo de material a indexar, torna-se ainda mais crucial quando o âmbito é o da análise de imagens, em que a informação é transmitida numa forma não verbal, por isso mesmo menos próxima da explicitação textual que a indexação requer.

Por outro lado, os documentos visuais gráficos veiculam vários tipos de informação em diversos níveis, todos eles potencialmente úteis mas nem todos pertinentes para a sua recuperação por assunto. Estes documentos exigem, por isso, uma disciplina de leitura especial e uma criteriosa selecção do conteúdo informativo, resultando em regras de análise naturalmente mais complexas — e menos óbvias — do que as que normalmente se aplicam a documentos textuais.

No material textual o conteúdo organiza-se, normalmente, numa estrutura explícita (título, introdução, exposição, desenvolvimento e conclusão do conteúdo informativo ou, simplesmente, a sequência das zonas correspondentes num texto único), es-

trutura essa que permite uma leitura faseada da informação e ao mesmo tempo a orienta, na sequência mais própria e mais útil à sua correcta percepção. Essa estrutura explícita inclui também, frequentemente, elementos que são, muitas vezes, expressão deliberada e sintética do(s) assunto(s) (título geral, resumo, títulos dos capítulos) ou das suas unidades informativas mais importantes (índices). Por outro lado, os documentos textuais apresentam, normalmente, elementos indicadores do contexto da produção do conteúdo informativo (âmbito de actividade do autor, motivação e objectivos da obra), cujo conhecimento é de alguma utilidade para a sua análise.

Comparativamente, o material visual gráfico não apresenta uma tal estrutura explícita que facilite e oriente, num único tipo de leitura, a percepção cabal e correcta do seu conteúdo informativo, sendo também que os indicadores de contexto estão, em regra, ausentes da obra. Por outro lado, a percepção das diversas unidades informativas é simultânea, e não faseada, cabendo ao analista a tarefa de as valorizar enquanto expressão, fundamental ou acessória, do(s) assunto(s) a identificar, sobretudo quando não existem elementos informativos adicionais expressos (título, legenda), o que é frequente.

Por todas estas razões a análise dos documentos visuais gráficos deve envolver dois níveis fundamentais de percepção: o nível da representação visual propriamente dita (o que se vê no documento) e o nível da identificação do assunto (do que trata o documento), os quais nem sempre são coincidentes.

A distinção entre estes dois níveis é essencial quer pa-

ra efeitos de clarificação dos objectivos que devem presidir a um catálogo de assuntos de uma colecção de visuais gráficos, quer para o estabelecimento de eventuais mecanismos de acesso, à mesma documentação, por critérios meramente iconográficos, isto é, apenas enquanto expressão de realidades denotadas.

A base teórica destes dois níveis fundamentais de análise encontram-se em E. Panovsky, historiador de arte que, na sua obra "Estudos de Iconologia", desenvolveu uma teoria de análise da significação de uma obra de arte, em três níveis, susceptível de se aplicar a qualquer documento visual gráfico cuja representação seja identificável objectivamente.

Um primeiro nível, por ele designado de pré-iconográfico, corresponde ao conteúdo temático primário ou natural, constituído pelo conteúdo factual (identificação das formas como objectos denotados e das suas relações mútuas - factos) e pelo conteúdo expressivo (qualidades expressivas pelas reacções empáticas que a imagem gera - gestos, atitudes).

Um segundo nível, designado de conteúdo secundário ou convencional, é o da análise iconográfica propriamente dita e nele se deve procurar a relação entre as realidades representadas (objectos, factos e qualidades expressivas) e conceitos, assuntos ou temas - a identificar nesta fase -, que a composição veicula enquanto realidades conotadas. Este nível de análise faz apelo ao conhecimento, por parte do analista, dos referentes que desvendam essas conotações.

Panofsky apresenta ainda, em terceiro lugar, o nível da iconologia propriamente dita, que é o nível da interpretação

iconográfica, em sentido mais amplo, isto é, do significado intrínseco, no plano simbólico, do conteúdo identificado. Este nível de análise, que faz apelo simultaneamente a uma síntese dos anteriores e a um conhecimento mais profundo sobre o contexto artístico, social e cultural em que a obra e o seu conteúdo se inserem, está fora do nosso âmbito, que é o da análise para identificação do conteúdo e não o da interpretação para explicação de outras realidades mais amplas estudadas ao nível, por exemplo, da sociologia, da história das mentalidades, etc.

Tomando como exemplo determinado fresco de Leonardo da Vinci, podemos referir que o seu conteúdo — na primeira fase da análise — representa treze homens dispostos em três lados de uma mesa, sobre a qual está colocada uma refeição de pão e vinho.

Na fase seguinte, a análise iconográfica revelar-nos-ia que se trata da "Última Ceia", referida pelo Novo Testamento.

Na terceira fase, referida por Panofsky, a "Última Ceia" passaria a ser olhada como um documento sobre a personalidade de Leonardo da Vinci, ou sobre o Alto Renascimento italiano ou como documento de uma atitude religiosa de determinado contexto cultural e histórico.

Do primeiro nível de análise resulta um produto documental que é a descrição da representação visual, descontextualizada, por referência às unidades informativas, a qual deve ser veiculada num "resumo" que permita ao utilizador reconstituí-la. Em muitos sistemas este resumo — previsto na ISBD (NBM) e também nos formatos MARC — é substituído, com menores custos e

maior eficácia, por uma reprodução da imagem inserida no catálogo, destinando-se a mesma a permitir ao utilizador confirmar o interesse do visual para a finalidade duma investigação em curso, antes ainda do contacto directo com a obra. É o caso de reproduções fotográficas acompanhando as referências num ficheiro manual, ou da gravação das imagens em disco óptico interactivo com a respectiva base de dados referencial.

Este tipo de solução não permite, no entanto, a recuperação directa do documento pelas várias unidades de representação que ele contém se elas não estiverem textualmente expressas, como o estão num resumo, que se possa pesquisar em texto livre. Esta opção deverá ser considerada para colecções de visuais que sejam bastante utilizadas do ponto de vista estritamente iconográfico, mas não deve substituir nem ser confundida com as soluções para recuperação por assunto desses documentos.

De facto, o acesso por assunto deverá ser considerado como uma das estratégias fundamentais de recuperação desses documentos à semelhança do que acontece para o material textual, e não como estratégia adicional a qualquer outro tipo de pesquisa, sobretudo quando os visuais gráficos se encontram referenciados numa base de dados que se reporta a diferentes tipos de materiais, o que é altamente desejável.

Os mecanismos de recuperação por assunto são o produto documental resultante do segundo nível de análise, atrás referido, na forma de pontos de acesso controlados isto é, usando uma linguagem documental.

Este segundo nível de análise, que engloba uma passagem

pelo primeiro — o da representação — não implicando necessariamente uma elaboração de resumo, carece de orientações práticas pré-definidas em dois aspectos fundamentais: critérios gerais que estabeleçam uma política de indexação específica dos visuais gráficos de acordo com as suas características, e uma metodologizada adequada à sua execução.

3. Opções e metodologia seguidas no SIPORbase

No primeiro aspecto — política de indexação — o SIPORbase estabelece critérios para determinar, à partida, se os visuais gráficos têm ou não conteúdo pertinente para a sua recuperação por assunto.

Assim, consideram-se não passíveis de recuperação por assunto os documentos em que a representação visual é abstracta ou abstractizante e o documento não tem carácter publicitário (não apresenta "anunciado"); ou em que a representação visual, embora de carácter realista, se apresenta essencialmente como motivo de expressão estética do autor, não se destinando a veicular informação factual e objectiva.

Passíveis de recuperação por assunto são todas as representações visuais que — tendo ou não estatuto de obra artística — veiculem informação factual e objectiva, ou que possam ser usadas como tal; e ainda as representações que, embora se apresentem essencialmente como motivo da expressão estética do autor, tenham como foco entidades únicas com existência própria (pessoas, acontecimentos, instituições, lugares, figuras lendá-

rias e mitológicas, bíblicas ou de religião, etc.).

Para os documentos a indexar são ainda estabelecidas opções relativamente ao nível de síntese a efectuar conforme se trate de documentos compreendendo uma ou várias representações visuais.

No primeiro caso — uma única representação — deve ser identificado um único assunto (uma gravura com o retrato de D. Maria II; um postal com uma cena da Romaria de Nossa Senhora da Agonia).

No segundo — várias representações no mesmo documento (um postal reproduzindo vários monumentos de Lisboa, um álbum de gravuras, um conjunto de postais, protegidos por uma capa, representando retratos de escritores portugueses, etc.) — deve proceder-se, caso se justifique, a uma síntese que não produza assuntos em número superior a quatro, sempre de forma a que se garanta a cobertura total do conteúdo embora, se necessário, em termos mais gerais. Em casos especiais em que esta solução não satisfaça as necessidades de recuperação — por exemplo em documentos em que uma das representações visuais é rara e de muito interesse — optar-se-á pela catalogação analítica, que poderá então ser acompanhada de indexação a esse nível.

No segundo aspecto — metodologia de execução — o SIPORbase prevê, para identificação do(s) assunto(s) três etapas fundamentais de análise que exigem muitas vezes, paralelamente, o recurso a fontes externas e bibliografia de referência, conforme o grau de complexidade do documento e a informação e experiência do indexador.

A primeira dessas etapas corresponde ao reconhecimento e enumeração da(s) imagem(s), simples percepção situada ao nível da experiência comum (Ex.: "Edifício em ruínas").

Na segunda identificam-se as imagens com estabelecimento de estruturas relacionais, contextos geográficos e cronológicos, recorrendo, se necessário a fontes externas e bibliografia de referência (Ex.: "Edifício em ruínas, de grandes proporções e aparato decorativo, provavelmente teatro, num contexto urbano do séc. XVIII, vendo-se áreas circunvizinhas e transeuntes em primeiro plano").

A terceira etapa de análise corresponde à identificação cabal do assunto, a qual poderá exigir o recurso a outros níveis de fontes e a estudos comparativos, sobretudo em documentos com representações de carácter simbólico. Assim, o assunto completo do exemplo que vimos seguindo, será: "ruínas do edifício da Ópera, em Lisboa, chamado "Casa da Ópera", depois do terramoto de 1755".

No caso de representações visuais acompanhadas de legenda ou texto estes elementos devem ser tidos em consideração nas duas últimas etapas de análise, pois em geral contribuem directamente para a identificação do assunto. É sobretudo o caso das representações que não são de carácter simbólico, sendo mesmo que em documentos de carácter publicitário, como os cartazes, a legenda ou texto é tão importante como a representação visual. Legendas ou textos em representações de carácter simbólico, como é o caso de alegorias e caricaturas, devem ser interpretados com precaução e no contexto, dado que podem apresentar vá-

rios níveis de sentido.

Estas orientações de análise para identificação do assunto referem-se ao documento como um todo, seguindo os já referidos critérios de política de indexação. No entanto, em casos de documentos visuais gráficos que apresentem unidades de informação (componentes individualizáveis na representação) que em si não constituem o assunto mas cuja recuperação se considere muito importante (pelo perfil do utilizador, pela raridade iconográfica, etc.) poderão ser objecto de indexação, adicional à do próprio assunto. Por exemplo, a representação de uma criança de raça negra, considerada corrente num documento do séc. XIX, poderá ser considerada rara e, portanto, pertinente, se o documento datar do séc. XVIII.

Este tipo de excepção permite colmatar a falta do acesso à descrição da representação visual, descontextualizada, quando não é possível, por razões de diversa ordem, incluir no registo bibliográfico o correspondente resumo, para posterior pesquisa em texto livre.

No que respeita à representação dos assuntos identificados — transposição para a linguagem documental — as regras a seguir são exactamente as mesmas que para assuntos identificados noutro tipo de material, nomeadamente textual. A única diferença reside na adopção de subdivisões de forma iconográfica (por ex.: vistas aéreas) quando necessário, e de subdivisões de forma física (por ex.: cartazes, postais, etc.), as quais irão distinguir o suporte da informação, aspecto útil em catálogos que referenciam também outros tipos de documentos.

BIBLIOGRAFIA

ESTADOS UNIDOS. Library of Congress. Prints and Photographs Division - L. C. Thesaurus for graphic materials : topical terms for subject access / compiled by Elisabeth Betz Parker. Washington : L.C., Cataloging Distribution Service, 1987

GARNIER, François - Thesaurus iconographique : système descriptif des représentations / [ed. lit.] Ministère de la Culture. Paris, Le Léopard d'Or, 1984

MARKEY, Karen - Subject access to visual resources collections : a model for computer construction of thematic catalogs. New York : Greenwood Press, 1986

PANOFSKY, Erwin - Estudos de iconologia : temas humanísticos na Arte do Renascimento. Lisboa : Estampa, 1986

PORTUGAL. Biblioteca Nacional. Grupo de Trabalho de Indexação - SIPORbase - Sistema de Indexação em Português : manual. Lisboa : BN, 1988

SHATFORD, Sara - Analyzing the subject of a picture : a theoretical approach. "Cataloging & Classification Quarterly", New York, 6(3) Spring, 1986, p. 39-62

WAAL, Henri van de - Iconclass : an iconographic classification system / completed and edited by L. D. Couprie with R. H. Fuchs, E. Tholen. Amsterdam : North-Holland Pub., 1973-